

O UNIVERSITÁRIO E AS PRÁTICAS DE LEITURA DE ESTUDO: ENTRE O IMPRESSO E O ELETRÔNICO

JUREMA NOGUEIRA MENDES RANGEL (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ).

1 INTRODUÇÃO

A prática da leitura dos calouros em odontologia ainda não é aquela contemplada com a reflexão crítica resultante da leitura de estudo, no 1.o período do curso. A maioria não costuma ler os textos solicitados pelos docentes e deixam para fazê-lo às vésperas da prova, preocupados com a média e aprovação (RANGEL, 2006b). Dos 70 respondentes, 70% preferiam usar a Internet para buscar informações sobre temas tratados em aula do que ler os textos impressos. Verificou-se que o computador e a Internet eram elementos presentes na vida dos graduandos, principalmente, quando lhes era exigido pesquisa ou estudo específico (RANGEL, 2006b).

Salienta-se que, considerando a história do leitor que antecede a universidade, o graduando depara-se com um tipo de leitura que demanda uma complexidade de relações, como a delimitação do assunto, contextualização do problema, princípios de classificação, análise, síntese e inferências, sem contar a motivação que o predispõe a ler um texto com objetivo declarado.(RANGEL, 2006a)

Então, aprofundando a pesquisa sobre as práticas de leituras de estudo, que ultrapassam o texto impresso e se deslocam para o texto eletrônico, analisou-se como os alunos constituem as práticas de leitura digitais- o *letramento na cibercultura*- que conduzem a ações leitoras diferentes daquelas realizadas nos textos impressos. Como os estudantes lidam com a leitura de textos eletrônicos? Como interagem com antigas e novas tecnologias de leitura?

O estudo centraliza-se nas leituras técnicas ou acadêmicas- *leituras de estudo*, ligadas à profissão escolhida. Entende-se que, neste gênero textual, incluem-se escritos filosóficos, didáticos, de divulgação científica (artigos e ensaios) e científicos (teses e dissertações) que exigem procedimentos cognitivos específicos diferentes daqueles implicados na leitura espontânea.

2 AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA O ESTUDO

A leitura é tema de pesquisas recentes na graduação, visto que subentende-se que os alunos deveriam dominar as formas de ler e escrever, porque necessitam destas habilidades para lidar com os assuntos tratados nos cursos, para compreender a lógica do conteúdo trabalhado e a relação deste com a realidade, ativando o olhar crítico.(RANGEL, 2006a, 2006b; CASTELLO-PEREIRA, 2003)

Para a análise do problema, Levy (1993), Rouet (2001), Chartier (1999, 2001, 2002) e Bakthin (1992) demonstram que, os meios de comunicação contemporâneos, no caso, a tecnologia mediatizada pelo computador pessoal (PC), inseriram uma ecologia de mensagens e textos diferente daquela presente até a metade do século XX.

Portanto, os novos suportes de leitura introduzem formas de ler e pensar que estão inseridas em contextos sociais e quando se compreende o sentido de um discurso, adota-se uma *atitude responsiva*, ou seja, ao compreender um enunciado, está-se sempre concordando, discordando, refutando-o, acrescentando, dando assim a contra-palavra (BAKTHIN 1992). Ao dialogar com os *links*, o leitor evidencia estes preceitos, pois emite a contra-palavra ao clicar em um *link* e não em outro, ao seguir determinado roteiro e não outro. Nesse linha, o processo de construção de um hipertexto, a intra e intertextualidade criadas na relação entre textos, parágrafos, frases e palavras, além de sons e imagens, são promotores de “dialogia”, inerente a qualquer enunciado e as particularidades do gênero que permeiam a variedade dos discursos, pois considera o vínculo existente entre a vida e a língua (BAKTHIN, 1992).

Levy (1993) relata que o sujeito apreende o conhecimento “por simulação”, processo característico da cultura informática, porém, os critérios e reflexos mentais se apoiam em tecnologias intelectuais anteriores.

Ressalta-se que o conhecimento está calcado na infinitude histórica dos diferentes agentes sociais que criam, recriam e desequilibram o que se reconhece como permanente. Há um movimento de resgate de dispositivos diferenciados alimentando outros fazeres que justificam a complexificação do que se entende por interpretação, produção de sentido e leitura, pois cada um destes emerge e se constrói no contexto, portanto, local e transitório.

O autor aponta que a interpretação não remete mais à interioridade de uma intenção, nem a hierarquias de significações aleatórias, mas, antes à apropriação particular de um navegador. Prioriza-se a relação que o sujeito estabelece com o autor, pensamentos expostos e abertos para o diálogo e não o prevalecer de uma concepção universalista que mantém a conservação e concepção de representações únicas, porque separadas de suas narrativas.

Chartier (1999, 2001, 2002) compartilha da mesma idéia, defendendo a leitura como uma “prática discursiva”, o que permite percebê-la engendrada no contexto sócio-político-

economico-cultural. O ordinário, o mundano, o saber-fazer diário do sujeito comum ocupa um espaço não permitido na produção mais tradicional da academia. Destaca a necessidade de se atentar à materialidade dos textos e à corporalidade dos leitores, perceber os sentidos construídos nas relações concretas entre o leitor e o texto, através das quais se estabelecem as apropriações do mesmo.

Logo, a introdução do suporte eletrônico para a leitura faz com que o leitor reative modos de ler próprios, que integram sua história de leitura constituídos por meio dos repertórios construídos na sua trajetória.

No caso da leitura de textos, na universidade, a diferenciação entre o discurso primário e secundário é pertinente, pois, neste último, insere-se o discurso científico, o idelógico, textos legislativos, escritos literários e outros. A natureza do enunciado não pode ser ignorada (BAKTHIN 1992).

O texto é um conjunto de idéias, fragmentos, palavras que organiza uma rede de conceitos, porque está diretamente relacionado com o seu entorno (LEVY, 1993).

O autor afirma que o texto organiza uma rede semântica que contribui para remodelar ou construir outros contextos, criando uma espécie de mapa compreendido como a elaboração de um universo de sentidos: o hipertexto.

Assim, o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões- palavras, páginas, imagens, gráficos, etc. que possibilita ao leitor entrar em conexão com outros textos, outras informações, desenhando um percurso peculiar e complexo (LEVY, 1993).

O hipertexto permite o emprego de ferramentas de estruturação e consultas de informação. Os textos não são organizados linearmente e permitem individualizar a consulta, com enunciados únicos, mas sistemas de menu e *lier* que por meio das ferramentas de busca ampliam as informações sobre um tema (ROUET, 2001).

Os princípios fundamentais são: a constante transformação da rede hipertextual demandada por um tempo flexível; a infinidade de conexões possíveis devido à heterogeneidade das associações; a multiplicidade de interpretações favorecida pelos elementos de conexão; a exterioridade que abrange a composição e recomposição da rede em função de novos elementos incorporados; a topologia ou caminho escolhido e a mobilidade infinita de criar ramificações desenhando outros cenários de sentido. (LEVY, 1993)

Mascuschi (1999), de forma semelhante, indica as características do hipertexto no meio eletrônico: não-linearidade (flexibilidade que permite/sugere diferentes ligações e fios de navegação); volatilidade(não tem estabilidade pois todas as escolhas são passageiras e as conexões estabelecidas por seus leitores); topografia (o hipertexto não é hierárquico nem

tópico, e sua escrita e leitura são infinitos); fragmentariedade (a constante ligação de breves fragmentos sem um centro regulador imanente, impede o autor de controlar o tópico e o leitor); acessibilidade ilimitada (acessa-se todo tipo de fonte: dicionários, enciclopédias, museus, obras científicas, literárias, arquitetônicas etc. de forma ilimitada); multimediosidade (possibilidade de interconectar simultaneamente a linguagem verbal com a não-verbal (musical, cinematográfica, visual, gestual) de forma integrativa; interatividade (interconexão interativa do leitor com múltiplos autores); interatividade (intertextualidade marcada pela recursividade de textos).

Assim, o leitor-navegador cria modos de ler o texto, se comparado àquele presente no suporte impresso, como o livro. Neste, aplica estratégias de leitura como a identificação de títulos, subtítulos, sumário, índices, referências, notas de rodapé, paginação e outras caracterizadas como interfaces que instituem dispositivos lógicos, classificatórios e espaciais que facilitam a apropriação do texto pelo leitor. (LEVY, 1993; CHARTIER, 1999, 2001, 2002)

A textualidade eletrônica disponibiliza ao leitor diversos tipos de texto, de qualquer gênero, num mesmo suporte. Ele fica exposto e comprometido com uma outra técnica de leitura, uma nova relação com o texto devido a uma materialidade particular de ler assim como uma forma diferenciada de aproximação, de inscrição no texto.(CHARTIER,1999, 2002), pois o texto eletrônico é móvel, aberto e maleável.

O leitor pode intervir no texto, recortar, colar, deslocar, apagar, recompor as unidades textuais, de forma ágil, pois a velocidade da máquina permite ações múltiplas. O gerenciamento da coleta de informações não é errante, pois parte-se da idéia de que possui um objetivo em mente ao ler. Porém, na tela do PC, pode perseguir uma informação, “dar uma olhada” aqui e ali, pois o hipertexto convida a ações deste tipo. É uma rede original de interfaces.

Ao mencionar os aspectos cognitivos das tecnologias de informação, Dillon *apud* Rouet (2001) mostrou, em 1970 e 1980, que a leitura na tela do computador é 15 a 20% mais lenta que a leitura do texto impresso e que aquela provoca fadiga, pois se gasta mais tempo (10 min) do que a leitura impressa. Existem outros fatores intervenientes como a luminosidade da tela, o contraste de caracteres, a distância, a posição e a estabilidade da imagem. Diz que a leitura é mais eficaz, mais rápida e mais fácil no texto impresso que na tela.

Assim como Chartier (1999, 2001, 2002) e Levy (1993), Rouet (2001) afirma que, no hipertexto, a informação não é linear. As páginas não seguem uma ordem pré-estabelecida,

mas formam um conjunto estruturado por um sistema de *link* (ligação). A partir de uma determinada página, é possível acessar outras tantas. Cada opção é materializada por *hiperlink*, em geral, uma palavra ou expressão sublinhada, destacada, em cor específica. Os *links* entre as páginas são determinados por conteúdos e critérios associativos, favorecendo a compreensão da informação, por que o seu funcionamento é semelhante a mente humana: a associação de conhecimentos.

Para o autor, a possibilidade de, ao ler o texto, encontrar um termo ou expressão, clicar em cima deste e encontrar outra página com informações sobre o assunto amplia a construção de aprendizagens significativas e subsidia um trabalho intelectual com estruturas mais complexas. Permite, também, o acesso a mesma informação apresentada de diferentes formas: outros textos, ilustração, estudos de caso, problemas a resolver.

O autor lembra que o texto impresso também utiliza recurso para facilitar a compreensão do leitor: notas explicativas ao pé da página, índices remissivos, glossários, referências cruzadas, mas, não é comum o leitor usar estes recursos, principalmente se demanda um esforço maior ou se perturba o curso normal da leitura. Estes aspectos, no PC, podem ser minimizados, pois com um *click* encontra-se a informação desejada.

Sobre os efeitos do uso do hipertexto na compreensão, o autor diz ser necessário um estudo comparativo em que o mesmo texto seria lido de forma linear e hipertextual. É fundamental considerar os objetivos que norteiam a leitura adaptados à competência do leitor para que possa imprimir um *modelo de gestão cognitiva* (estratégias de leitura).

Gordon e cols *apud* Rouet(2001), em 1988, solicitaram a 24 estudantes que lessem um texto considerado como leitura recreativa e um texto técnico de estudo, na tela, com o intuito de verificar o entendimento das idéias-chave que os textos continham. Descobriram que os estudantes se saíram melhor na compreensão do texto de entretenimento e acharam a versão hipertextual mais difícil de ser utilizada. Nos textos técnicos, o resultado não apresentou diferença significativa entre a forma linear ou hipertextual. Os autores concluíram que não é seguramente adaptado a situações em que a leitura não visa explicitamente a aprendizagem ou memorização

Foss, em 1989, revelou que os alunos, ao executarem a leitura hipertextual, encontram 3 dificuldades: tendem a se perder dentro do próprio sistema de busca (estratégia de pesquisa); esquecem as informações iniciais que moveram a busca (sobrecarga da memória), perdem tempo manipulando a interface (gestão de busca). (ROUET, 2001)

Rouet (2001) afirma que não se trata de dizer se a leitura impressa, linear é melhor que a hipertextual ou vice versa, pois a última exige uma *divisão qualitativa de buscas diferentes*

do texto linear. A leitura hipertextual necessita da *capacidade relacional* que mobiliza anotações visuoespaciais da memória de trabalho.

Diz que o texto linear tem uma organização seqüencial, em capítulos e subpartes. É unidimensional e de fácil manuseio. Os *links* semânticos transversais- referências cruzadas- podem ser compreendidos pelo leitor, mas, não são recursos utilizados por ele. Por outro lado, a estrutura hipertextual é multidimensional e mais difícil de ser compreendida. O leitor necessita de *marcas metatextuais* explícitas e reconhecíveis: menus, títulos, na forma de listas ou fichas de conteúdo, etc, para embasar a leitura eficiente. A compreensão do hipertexto varia de acordo com o tipo de texto-descritivo ou causal, o tipo de busca e as características individuais do leitor. Independente das diferenças entre a compreensão do hipertexto e a busca da informação, a utilização do hipertexto encontra situações de desorientação e sobrecarga cognitiva em ambos os casos.

Assim, não se pode afirmar que o uso do hipertexto impede as dificuldades de compreensão ou a busca de informações dos sujeitos.

3 O CAMINHO METODOLÓGICO

Os respondentes eram alunos cursistas do 7º. e 8º. períodos do curso de odontologia da uma universidade particular localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, matriculados na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso sob Orientação Docente.

O questionário aplicado em 46 sujeitos constava de um levantamento sobre idade, sexo, região de moradia, período matriculado, com 11 perguntas abertas e 2 de caráter fechado sobre as formas de leitura de estudo.

A coleta de dados ocorreu durante a aula da disciplina e não foi solicitado a identificação dos respondentes. Além disto, foram entrevistados 3 formandos com o intuito de esclarecer/complementar aspectos relevantes. As entrevistas individuais foram realizadas em sala reservada, gravadas, após o consentimento do entrevistado e transcritas.

4 CARACTERIZANDO OS ESTUDANTES DO CURSO DE ODONTOLOGIA

Priorizou-se alguns aspectos para traçar um perfil dos estudantes, pois outros dados foram estudados antes (RANGEL, 2006b).(Tab. 1, 2,3,4)

Tabela 1:A faixa etária dos estudantes

Idade	alunos
18 a 21	09
22 a 25	27
26 a 29	07
30 a 33	02
+34	01
Total	46

Tabela 2: Os estudantes quanto ao gênero

Sexo masculino	13
Sexo feminino	33
Total	46

Tabela 3: Os estudantes e o período matriculado em curso

7º. periodo	04
8º. Período	34
Nao identificou o periodo	08
Total	46

Observa-se o número expressivo de estudantes jovens, do gênero feminino.

5 OS ESTUDANTES E A LEITURA NO MEIO ELETRÔNICO: OS ACHADOS

As leituras de estudo podem ser feitas em anotações pessoais do caderno, em livros, apostilas, em qualquer material eletrônico, etc. Sete não justificaram a escolha

Dezessete alunos lêem material de estudo tanto impresso quanto eletrônico. Ressaltam que a leitura deste último se caracteriza por ser rápida, não escolhem textos longos; podem utilizar o celular para baixar arquivos e ler os textos neste aparelho, em qualquer lugar; há maior facilidade de acessar periódicos atualizados; a seleção de conteúdos é facilitada pela ferramenta de busca empregada.

Outros 14 alunos optam pela leitura de textos eletrônicos, porque consideram ser mais confortável e favorecer a obtenção de informações atualizadas. A facilidade de acesso (10), a

diversidade das informações, maior motivação gerado pelo senso de pesquisa e *menos monotonia* foram as justificativas.

Há 16 alunos que preferem a leitura de estudo na forma impressa. Indicam que esta é menos cansativa, mais aprofundada e confiável. Acreditam que a leitura na PC cansa o corpo devido a posição, sentado e ereto; particularmente, cansa os olhos devido a luminosidade da tela. A leitura aprofundada relaciona-se ao tipo de texto lido- teses, dissertações, artigos- e exige uma leitura cuidadosa, que respeite os critérios da metodologia científica, demandando mais tempo na frente da tela e exigindo maior concentração.

Um dos entrevistados prefere o livro para estudar, complementando as anotações de aula. Grava a aula e passa a limpo as informações: o livro é mais completo, com informações *corretas e precisas*.

Quanto a tipologia dos textos lidos em tela, talvez influenciados pela disciplina, 26 alunos consultam teses, dissertações e artigos científicos, porque *são mais específicos, apresentam uma revisão de literatura que, em geral, representa o estado da arte da área e contem idéias novas*; 3 não têm hábito de ler material eletrônico para estudo; 11 costumam ler ensaios científicos, porque são mais curtos e cansam menos a vista; 1 aluno lê textos eletrônicos, desde que não sejam longos e apenas 3 costumam ler livros eletrônicos contrariando a posição de 2 colegas que afirmam não haver livro da área de odontologia disponível *on line*.

Os alunos, que fazem uso do PC, justificam tal atitude em função da agilidade para a busca do material; da facilidade de aquisição dos textos, posto que algumas bases de dados disponibilizam-nos gratuitamente ou por meio de compra. Outros dizem que lêem na tela, porque os textos são longos e a impressão de muitas folhas aumentaria o custo do material.

Um aluno entrevistado complementa que, nas aulas de informática, teve informações sobre *os sites confiáveis* e embora não se considere uma pessoa *plugada*, observou que os *sites* americanos são ricos em disponibilizar pesquisas.

Quando perguntados sobre um exemplo ou título de um material de estudo lido na Internet, 13 alunos não responderam, 2 não lembravam, 20 consultaram artigos científicos e identificaram o título dos mesmos e 5 lêem o mesmo material, mas não identificaram o título. O restante citou a monografia como fonte de consulta.

A forma de busca utilizada é a base de dados (2) como o Bireme (6), Scielo (3), Medline (2), mas a maioria usa ferramentas de busca como o Google Acadêmico (14). Apenas 2 alunos procuram informações em *sites* indicados pelos docentes. Sobre isso, 3 entrevistados apontam que os professores não costumam indicar *sites*: “Dizem para fazer pesquisa e pronto.

Aí, a gente usa o Google, mesmo sabendo que podemos retirar informações de *sites* não seguros”. Do total de alunos, 17 não responderam.

Sobre o uso da base de dados, os alunos mostram não ter domínio sobre esta ferramenta: Bireme, Pubmed e Scielo, respectivamente, são reconhecidos pela maioria dos alunos e desconhecidos, na sua totalidade, bases como Science Direct, Portal Capes, Comut e Ariel.

O local preferido para a leitura no meio eletrônico é o PC de casa (44), embora 21 alunos morem próximo à Universidade (tab.4) que dispõe de amplo laboratório de informática e acesso ao Portal de Pesquisa. Apenas 1 utiliza a sala de informática da universidade e 1 aluno afirma não fazer leitura de estudo no PC.

Tabela 4: Os estudantes e a localidade de moradia

Zonas da cidade	Numero de alunos
Zona sul	16
Zona norte	06
Zona oeste	21
Outro municipio	01
Não identificou	02
TOTAL	46

A frequência da realização de leituras de estudo no meio eletrônico, durante a semana, configura na tabela 5:

Tabela 5: Frequência da leitura de estudo no meio eletrônico

Frequência na semana	Número de alunos
1 vez	11
2 vezes	15
3 vezes	08
Mais 4 vezes	06
Nenhuma	04
Varia	01
Nao respondeu	01

Constata-se que os alunos não dedicam muito tempo para a leitura de estudo no meio eletrônico. Os 3 entrevistados buscam informações na internet para trabalhos, fazendo uma distinção entre estes e estudo.

5.1 LEITURA DE ESTUDO: ENTRE O TEXTO IMPRESSO E O ELETRÔNICO

Embora os dados demonstrem que a maioria dos estudantes não faz uso da leitura do texto eletrônico para estudar, a metodologia adotada para este caso (14) é a impressão do texto ao invés de ler na tela (2), porque alguns textos estão disponíveis apenas para a leitura, impedindo o destaque das partes significativas ou a escrita nas margens. Alegam que é comum o material sobre odontologia ser apresentado na língua estrangeira e nem sempre a dominam (3).

Como utilizam as ferramentas de busca, costumam encontrar *sites* em manutenção, textos que são sínteses de outros, contendo informações muito resumidas.

Mesmo assim, fazem um resumo (7), utilizando a estratégia do *corte/colagem* e/ou sublinhando as partes mais importantes, quando isto é permitido pelo tipo de arquivo em tela.

Um aluno menciona que costuma salvar em pastas o material selecionado.

Dentre as dificuldades encontradas na leitura de textos eletrônicos, destacam-se àquelas relativas à compreensão do texto, pois se reconhecem com *dificuldades de leitura* (5); 10 alunos justificam a falta de base científica para a compreensão do material, (CASTELLO-PEREIRA, 2003).

Os aspectos corporais são considerados desfavoráveis à medida que a leitura em tela provoca cansaço visual (7), dor de cabeça (3); a posição sentada por tempo prolongado é cansativa (2); a pouca concentração destinada a apreensão das informações porque a inserção de *links* implica a perda do objetivo inicial (5). Um aluno costuma pular os *links*, pois a leitura fica *infinita*, pois *são milhares de informações*.

Quanto ao texto impresso, aquele em que foi feito o *download* ou anotações de aula, capítulo de livros e outros mencionados, 30 alunos reportam que: fazem uma leitura inicial do texto na íntegra, uma segunda leitura marcando aspectos importantes e quando necessário, um resumo. Indicam que *ler com o texto na mão* é mais fácil, porque pode *organizar melhor as idéias*. No entanto, um dos entrevistados diz que embora *a leitura de um livro seja mais completa, a linguagem do autor é sempre difícil. Aí, a internet ajuda, pois você encontra o conteúdo mais simples. As gravuras ajudam muito a compreensão do texto*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que o mundo digital, onde todos os textos, em especiais, aqueles nomeados de *leituras de estudo*, faz parte do cotidiano do aluno.

No entanto, os alunos ainda não demonstraram o letramento proporcionado pela tecnologia, pois dispensam *links*, o uso de base de dados e preocupam-se em ler texto curtos, no PC ou impressos, porque mais fáceis de serem compreendidos.

Por outro lado, o emprego da metodologia de leitura utilizada no texto impresso é a mesma usada para o texto eletrônico, porém não deixaram claro se fazem uso das ferramentas disponibilizadas pelos programas.

Os aspectos físicos relacionam-se a sensações negativas que tornam a leitura árdua e cansativa.

O uso de bases de dados é um fator a ser implementado por parte dos docentes, de forma a ampliar o universo da pesquisa e estudo dos alunos.

Conclui-se que os alunos não são, em sua maioria, navegadores/ leitores de textos eletrônicos voltados para o estudo acadêmico, o que implica na implementação de uma pedagogia da leitura e o aprimoramento do letramento na cibercultura.

REFERÊNCIAS

CASTELLO-PEREIRA, L.M. *Leitura de estudo: ler para aprender e estudar para aprender a ler*. Campinas: Alínea, 2003

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética de criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: EdUNESP, 2002

_____. A revolução do texto eletrônico. In: CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: ArtMed, 2001. p.139-159.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: EdUNESP; Imprensa Oficial do Estado, 1999

LEVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993

MASCUSCHI, Luis Antônio. *O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. IV Fórum de estudos Lingüísticos, Língua Portuguesa em Debate. UERJ, 1999.

RANGEL, J.N.M. A leitura e a formação humanística do estudante de odontologia: processos em formação. *Revista da ABENO*. São Paulo, v. 6, n.1, p. 20-27, jan/jun. 2006a.

RANGEL, J.N.M. A leitura na universidade. In: _____. *Caminhos interdisciplinares na odontologia*. Rio de Janeiro: Rubio, 2006b

ROUET Jean-François. Aspects cognitifs des nouvelles technologies de l'information. In: ROUET Jean-François. *Les Activités Documentaires Complexes-Aspects Cognitifs et Développementaux*. p 106 – 137, Abr 2001. Disponível em: < http://www.mshs.univ-poitiers.fr/laco/Pages_perso/Rouet/Textes.htm > Acesso em: 05 ago. 2006